

Foto

SAPO DE FORA

“A imagem é o bem mais precioso, não tem dinheiro que pague”

Com mais de 40 mil seguidores no Twitter, uma passagem pelo programa Fama da Rede Globo, shows concorridos e nenhum CD gravado ainda, a cantora Mariana Belém fala sobre a influência das redes sociais em sua carreira. Ela também comenta como lida com a pressão de ser filha de uma artista famosa, a intérprete Fafá de Belém, e com o assédio da mídia

Por CAMILA TOLEDO ctoledo@grupomm.com.br

Meio & Mensagem — Você é filha de uma cantora famosa, Fafá de Belém. Como isso te influencia?

Mariana Belém — Eu relutei em cantar profissionalmente, porque aos dez anos era um saco quando perguntavam se eu cantava como a minha mãe. Mas uma hora não deu para fugir. Eu sabia que ia sofrer essa comparação, mas quando percebi que a música era a coisa mais importante para mim, eu fui. Meu pai, Raul Mascarenhas, é saxofonista e flautista; minha avó, Carminha Mascarenhas, foi cantora de rádio e fez shows até mais de 80 anos; meu avô, também Raul Mascarenhas, era pianista. Tive influência da minha família inteira.

M&M — Como é a relação com sua mãe?

Mariana — Devo muito a ela, que nunca me facilitou nada. Sempre que tenho uma escolha a fazer, aconselho-me com ela, porque, além de ser minha mãe, ela tem 35 anos de carreira. Ela é um ícone,

é mais reconhecida pela imagem do que pelo trabalho. A nova geração conhece o jeito dela, a alegria e adora. Não necessariamente conhece a música dela. Tem coisas que ela pode falar, porque ela já tem uma carreira e, infelizmente, eu não posso. Existem lugares que agregam mais se você falar “não” do que “sim” — programas de TV, rádio, revista etc. Há programas de TV que, infelizmente, não posso fazer, porque prejudicariam a minha imagem, e não tem dinheiro nenhum que pague isto. Eu não julgo ninguém pela imagem que quer para si, mas para mim, certas coisas não valem. Tem programas que podem me render dois shows, mas depois não acrescentam em nada positivo para a imagem. Hoje, sei que não faria nada para ganhar notoriedade momentânea.

M&M — Teve uma declaração no SPFW que causou grande confusão: falaram que você disse que sua mãe era uma “musa gordíssima”...

Mariana — Existem repórteres que ouvem uma frase de uma entrevista que você está dando para outro — e você não fala com ele, porque já sabe que ele é capaz de fazer esse tipo de coisa. Eu estava dando uma declaração sobre a ditadura da magreza, perguntaram-me o que eu achava que era moda. Eu falei que o fato de alguém ser gordo ou magro não interessa. O que importa é o caráter daquela pessoa — a minha mãe inspirou muita gente, mesmo sendo uma musa gordinha, e ela era uma mulher vista como sensual. Ela é uma mulher grande, exuberante, e eu nem disse gordíssima, até porque é uma palavra que não faz parte do meu vocabulário. Minha mãe é uma mulher que, na época em que veneravam magreza, apareceu para dar um alívio para mulheres normais. Eu usei meu perfil no Twitter para me defender, era a única ferramenta que tinha e deu certo.

M&M — Você é conhecida na rede, tem mais

de 40 mil seguidores e nenhum CD lançado ainda. Como isso aconteceu?

Mariana — Eu criei o perfil no Twitter (@MarianaBelem) como uma forma de me encontrarem de maneira rápida. Como as pessoas buscavam muita informação sobre mim e meu site não estava muito bom, foi uma maneira rápida e fácil de me achar. Tenho fãs que estão comigo desde o Fama (programa da Rede Globo do qual a cantora participou) e que me encontraram no Twitter, ou seja, a ferramenta me aproximou deles. Este é o ano do lançamento do meu CD, que ia ser lançado ano passado, mas aconteceram várias coisas: primeiro a tragédia com meu irmão (Rafael Mascarenhas, irmão por parte de pai e filho da atriz Cissa Guimarães, morreu atropelado em julho de 2010) e o problema com minha avó (que também faleceu no ano passado). Coisas que me fizeram ficar meio reclusa, não estava com cabeça para lidar com a mídia.

M&M — Mas seu show está sempre lotado...

Mariana — Pois é, faço todo mês e vive cheio. Não tenho patrocínio e o que ganho é o dinheiro da bilheteria, que paga o cachê dos músicos e o que sobra é meu. Além disso, faço shows para eventos, mas eu realmente não sei como as pessoas chegam a mim. Sempre no boca a boca — alguém que foi ao show, gostou e vem até mim... Tenho de lembrar que se o show acontecer no mês que vem, toda semana, terei de colocar de novo (no Twitter). Na semana, relembrar as pessoas: “Olha, gente, está chegando”. O Twitter é muito rápido, o que era assunto ontem não é mais hoje. Você tem de colocar em horários diferentes, as pessoas não ficam online 24 horas por dia. Eu percebi isso usando. Que horas respondem mais sobre o show, que horas falam mais sobre assuntos profissionais. Percebia que alguns entravam na hora do trabalho, outros de manhã, à tarde ou à noite. Que os horários e públicos variavam. Você tem de ir se moldando.

M&M — Quem você acha que é um bom exemplo de uso do Twitter com estratégia?

Mariana — O William Bonner (@realwbonner). Ele está sempre tuitando — de coisas normais, não só notícias, a coisas banais, do dia a dia. Ele, pouco antes de o Jornal (Nacional) começar, está no Twitter dizendo: “Vai começar, meninos, um minuto. Que gravata eu escolho? Vermelha ou azul?” Se ganhar a azul, ele anuncia e todo mundo liga no jornal para ver se ele está com tal gravata. Eu acho genial. Outro caso é quando você diz: “Estou na rádio tal”. E chegam mensagens: “Estou te ouvindo”. Tem esse feedback, você cria uma proximidade, e, de certa forma, lucra com isso. Não em sentido de dinheiro, mas de imagem.

M&M — Você faria comercial?

Mariana — Já fiz comercial de uma rede local, mas tem de pensar antes, porque você pode acabar com sua carreira. Uma coisa vulgar, não no sentido sensual, mas no sentido baixo, nem por todo dinheiro vale a pena, nem por toda exposição. A nossa imagem é o bem mais precioso, não tem dinheiro que pague isso. Tudo você tem uma escolha, tudo você tem como optar por fazer. Mas um erro em sua imagem é realmente difícil apagar.